ESTUDOS DO MEIO NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: ANÁLISE DE PRÁTICAS EXTENSIONISTAS NO LABORATÓRIO DOS ANOS INICIAIS (LAI)

Janaina Aparecida de Andrade [1]
Nicoly de Oliveira Saturno[2]
Andréa Haddad Barbosa[3]

INTRODUÇÃO

O Artigo n.º 62 da Lei de Diretrizes e Base Da Educação Nacional diz que, para o exercício da docência na rede pública de ensino, o docente necessita ter uma formação em "[...] em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal" (Brasil, 1996). Na formação inicial docente que ocorre no ensino superior, especialmente nos cursos de licenciatura, os futuros professores têm acesso a conhecimentos científicos, teorias educacionais e metodologias de ensino que fundamentam o planejamento e o desenvolvimento das práticas pedagógicas. Nesse processo, a formação docente não se limita à aquisição de conteúdos, contribui também para a construção da identidade do profissional docente e para o desenvolvimento da capacidade de articular teoria e prática, de investigar a sua própria atuação e de transformar continuamente seus saberes docentes (Pimenta, 2009).

Desse modo, durante o período de graduação, são ofertadas diversas disciplinas com conteúdo direcionado que atendem a essa demanda de aperfeiçoamento profissional. Essa perspectiva coloca em evidência a necessidade de criação, no interior das universidades, de outros espaços, além do estágio obrigatório, que possibilitem aos

[1] Mestranda em Educação. Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina - UEL, PR. Colaboradora no L.A.I. - Laboratório dos Anos Iniciais, e-mail: janaina.aparecida0@uel.br;
[2] Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina - UEL. Colaboradora no L.A.I. - Laboratório dos Anos Iniciais, e-mail nicoly.o.saturno@gmail.com;
[3] Doutora em Educação. Professora do Curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Londrina - UEL. Colaboradora no L.A.I. - Laboratório dos Anos Iniciais, e-mail andreahb@uel.br.

estudantes vivenciar situações concretas de planejamento, intervenção, observação, investigação e reflexão sobre os processos educativos. Nesse processo, a universidade deve estabelecer uma relação permanente com a escola e a comunidade, articulando os conhecimentos acadêmicos a diferentes realidades sociais e contextos educativos.

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, prevista como princípio da educação superior brasileira (Brasil, 1988), nesse caso, constitui uma possibilidade importante de aproximação. A extensão universitária, por sua vez, é uma dimensão importante da formação acadêmica e profissional dos estudantes, visto que promove a articulação entre os conhecimentos científicos produzidos na universidade com as experiências e demandas dos diferentes setores da sociedade. Conforme o Art. 3º da Resolução CNE/CES nº 7/2018, a extensão se caracteriza como um processo interdisciplinar que promove a interação entre as instituições de ensino superior e a sociedade, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa (Brasil, 2018).

Nessa direção, Freire (2005) chama a atenção para a necessidade de compreender a educação como prática dialógica, pois o diálogo possibilita que os sujeitos compartilhem conhecimentos, experiências e diferentes compreensões da realidade. No âmbito educativo, essa perspectiva favorece a construção coletiva do conhecimento e a problematização da realidade, aspectos que contribuem para práticas pedagógicas participativas e para a formação de sujeitos capazes de refletir e intervir em seu contexto. A formação inicial docente, portanto, pode ser enriquecida quando cria condições para que os futuros professores problematizem a realidade, formulem perguntas, investiguem diferentes situações e produzam conhecimentos a partir da relação teoria e prática.

É nesse contexto que se insere o Laboratório dos Anos Iniciais: ensino, pesquisa e extensão (LAI). Vinculado ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina (UEL), o LAI é entendido como um espaço formativo destinado à construção compartilhada de conhecimentos e experiências relacionadas aos processos de ensino e aprendizagem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. O laboratório, portanto, constitui um espaço de aproximação entre universidade, escola e comunidade, possibilitando aos estudantes envolvidos nos projetos de pesquisa e extensão o desenvolvimento de atividades que extrapolam a organização tradicional da sala de aula e incorporem diferentes ambientes, sujeitos, linguagens e formas de produção do conhecimento em suas práticas educacionais.

Diante desse contexto, o presente trabalho tem como objetivo analisar e descrever as contribuições do Laboratório do Anos Iniciais (LAI) para a formação inicial tendo como fundamento a metodologia de Estudo do Meio. Buscou-se analisar como essas oficinas, que foram construídas a partir dos interesses dos participantes, favoreceram a articulação entre teoria e prática e a constituição de saberes docentes.

Como método de estudo, os projetos de extensão pautaram-se pelo Estudo do Meio, pois ele permite compreender o meio como espaço educativo e objeto de investigação, favorecendo a observação, a problematização, a formulação de hipóteses, a pesquisa, o levantamento de informações e a sistematização dos conhecimentos produzidos (Zabala, 1998; 2002). Dessa maneira, o processo educativo passa a considerar a realidade concreta como elemento constitutivo da aprendizagem.

O Estudo do Meio, portanto, pode ser compreendido como um método interdisciplinar que possibilita a estudantes e professores uma aproximação direta com a realidade que constitui objeto de estudo e que envolve a inserção orientada dos participantes em um determinado espaço, seja ele rural ou urbano, favorecendo a observação e a compreensão de sua complexidade. Além disso, estabelece uma relação dialógica com a realidade investigada, possibilitando tanto a análise de situações reais quanto a construção de novos conhecimentos (Lopes; Pontuschka; 2009).

Logo, as oficinas trataram de uma proposta pedagógica organizada a partir de intencionalidade educativa, planejamento, pesquisa e reflexão. Isso permitiu o deslocamento do processo de ensino e aprendizagem de uma perspectiva exclusivamente centrada na transmissão de conteúdo para uma prática investigativa, em que os alunos foram chamados a observar, a questionar, a pesquisar, a interpretar, a criar materiais didáticos, viver a docência e produzir conhecimentos.

A utilização desse processo traz importantes implicações para a formação inicial de professores, uma vez que possibilita aos estudantes de licenciatura experimentar um método que demanda planejamento, escuta, seleção de conteúdos, organização de atividades, produção de materiais e avaliação dos processos de aprendizagem. Nessa perspectiva, as experiências desenvolvidas no Laboratório dos Anos Iniciais (LAI) se fundamentam na compreensão de que a formação inicial se torna mais significativa quando os futuros professores têm a oportunidade de participar de situações educativas concretas, articuladas a processos de reflexão e sistematização das experiências vivenciadas.

A relevância deste trabalho, portanto, está relacionada à necessidade de ampliar espaços de formação que possibilitem aos futuros professores compreender a complexidade do trabalho pedagógico e experimentar diferentes formas de organização dos processos de ensino e aprendizagem. Ao mesmo tempo, busca evidenciar a extensão universitária como dimensão formativa que pode contribuir, em muito, para a formação inicial docente, além de fortalecer o vínculo entre universidade, escola e comunidade.

Este texto está organizado em cinco partes. Após esta introdução, apresenta a metodologia utilizada para sistematização e análise da experiência. Em seguida, discute o referencial teórico, que traz algumas reflexões sobre a formação inicial docente, a extensão universitária e o Estudo do Meio. Posteriormente, apresenta e discute os principais resultados da experiência por meio do relato de experiência. Por fim, destaca as considerações finais, retomando as principais contribuições e limites da experiência.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, configurado como relato de experiência e fundamentado na análise de ações extensionistas, desenvolvidas no âmbito do Laboratório dos Anos Iniciais (LAI), tendo como método o Estudo do Meio. O relato de experiência constitui uma possibilidade acadêmica de sistematizar e analisar vivências desenvolvidas nos processos de formação, ensino, pesquisa e extensão. Conforme Mussi, Flores e Almeida (2021), esse tipo de produção ultrapassa o registro descritivo de uma atividade, pois pressupõe uma análise crítico-reflexiva da experiência, fundamentada em conhecimentos teóricos e metodológicos.

Nesse movimento, o relato de experiência, que pode ser compreendido como uma forma de produção científica voltada à organização, análise e divulgação de experiências vivenciadas em contextos acadêmicos ou profissionais. Sendo uma forma de sistematização escrita de vivências, ele pode contribuir para a produção de conhecimentos em diferentes áreas, além de articular os conhecimentos produzidos no âmbito escolar com as aprendizagens construídas das experiências socioculturais dos sujeitos (Mussi; Flores; Almeida, 2021). Nesse sentido, por meio do relato de experiência, buscou-se realizar uma compreensão inicial das práticas extensionistas, identificando elementos recorrentes nas experiências vivenciadas pelos estudantes de pedagogia de modo que se reconheçam as contribuições dos projetos de extensão para a

formação inicial de professores. Com base nos relatos de três estudantes de pedagogia, buscou-se apreender aspectos da experiência a partir das suas percepções, de forma a contribuir para a reflexão e o aperfeiçoamento da prática pedagógica e extensionista.

O percurso metodológico, que envolve todas as ações das práticas extensionistas, pauta-se pela compreensão de que as oficinas, construídas sobre pressupostos teóricos do Estudo do Meio, possibilitaram uma aproximação sistemática entre os sujeitos em formação e as diferentes realidades sociais, culturais e espaciais. Nessa perspectiva, o método ultrapassa a ideia de ser apenas uma atividade de observação ou de visita a um determinado lugar e se constitui em uma possibilidade de investigação da realidade e de produção de conhecimentos oriundos da relação teoria e prática. Desse modo, os projetos de extensão proporcionados pelo LAI foram desenvolvidos tendo como referência esse método e abrangendo diferentes temas, espaços e momentos formativos, além de contar com a participação de estudantes de diversas licenciaturas.

Quadro 1: Temáticas das atividades extensionistas e público direcionado

Ano	Temática	Público da oficina	Estudantes responsáveis pelo projeto
2022	Do algodão ao tecido	estudantes de pedagogia, ensino médio	1
2024	Cores da terra	estudantes de pedagogia, ensino médio	1
2024	Do algodão ao tecido	anos iniciais	2
2025	Abelhas nativas	anos iniciais	10
2025	Sabores da Terra	estudantes de pedagogia, ensino médio[4]	2
2026	Solo	a definir[5]	15

Fonte: próprio das autoras (2026)

A definição das temáticas das oficinas, mencionadas no Quadro 1**,** de modo geral, partiu do interesse dos estudantes dentro do eixo Educação Ambiental. A metodologia aplicada, em todos os projetos, seguiu as dez etapas apresentadas no Estudo do Meio, divulgadas por Zabala (1998; 2002): a motivação; as perguntas ou

[4] Essa oficina foi totalmente organizada, mas ainda não foi realizada junto à comunidade externa.
[5] O grupo encontra-se em fase de estudos, e ainda não foi definido o público das oficinas.

problemas; as hipóteses; a definição de instrumentos para a coleta de informação; o planejamento da pesquisa; a coleta de dados; a análise e classificação das informações; as conclusões; a generalização; a expressão e comunicação. Todo esse processo integrou a organização da oficina, que foi desenvolvida como parte da última etapa do Estudo do Meio: comunicação e expressão. Em síntese, a forma de expressar os conhecimentos adquiridos durante o processo de pesquisa para a comunidade externa consistiu na organização e na aplicação da oficina pedagógica.

De modo geral, os primeiros passos contemplaram momentos de curadoria, estudo e reflexão coletiva destinados a seleção e análise das informações necessárias para compreender o objeto de estudo. Esses momentos possibilitaram aos licenciandos analisar o que já conheciam sobre a temática e o que necessitava de informações, de forma a ampliar os conhecimentos para poder compartilhar. Era o momento de discutir, tirar dúvidas, definir as atividades a serem desenvolvidas, refletir sobre as estratégias mais adequadas para a continuidade dos projetos e para a construção das oficinas pedagógicas destinadas aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental ou a formação inicial no curso de Pedagogia.

É importante destacar que as primeiras etapas do Estudo do Meio são importantíssimas, pois os estudantes escolhem um tema de interesse, avaliam o seu conhecimento sobre ele, elencam as suas dúvidas, que se transformam em perguntas, levantam suas hipóteses e buscam o conhecimento científico em artigos e livros para responder. Em todos os projetos, os conhecimentos iniciais dos estudantes sobre a temática eram muito superficiais e, às vezes, equivocados. Somente quando amplia o seu conhecimento sobre a temática, o estudante estará apto para começar a planejar a oficina, adequando o conteúdo ao público destinado. Por isso, esse processo de pesquisa demora alguns meses.

Os encontros formativos ocorreram semanalmente ou quinzenalmente, dependendo do projeto. Esses momentos configuraram-se como espaços de estudo, diálogo e reflexão coletiva, nos quais eram mobilizados referenciais teóricos, discutidas práticas pedagógicas e problematizadas as temáticas relacionadas à construção do conhecimento, que, posteriormente, materializou-se em oficinas pedagógicas.

Para determinados momentos do percurso formativo dos estudantes dos projetos, foram providenciadas diferentes fontes e estratégias, como artigos científicos, vídeos, palestras, rodas de conversa com pesquisadores, visitas, observações orientadas, práticas

laboratoriais e análise de materiais didáticos. A partir dos conhecimentos levantados, produzidos e sistematizados, os participantes deram início à elaboração das oficinas e dos recursos/materiais pedagógicos.

Assim, a participação dos participantes dos projetos não se restringiu à mera execução das atividades, mas envolveu um processo de construção pedagógica que articulou os conhecimentos acadêmicos, os interesses dos participantes e as demandas concretas apresentadas no contexto escolar.

Cabe ressaltar que as ações desenvolvidas por esses estudantes da universidade integraram um projeto de pesquisa intitulado "Ensino de Geografia e de Educação Ambiental no curso de Pedagogia: refletir para ressignificar", aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob o CAAE nº 85242724.3.0000.5231.

REFERENCIAL TEÓRICO

Este artigo parte da experiência de ações extensionistas desenvolvidas com base na metodologia de Estudo do Meio apresentada por Zabala (1998; 2002). Nesse contexto, busca-se refletir sobre os seus desdobramentos na formação inicial de estudantes de pedagogia. Entende-se necessário, inicialmente, apresentar de forma mais detalhada os fundamentos e as etapas que o compõem.

É preciso esclarecer que não existe uma única definição do que venha a ser Estudo do Meio, nem uma única forma de realizá-lo. Essas diferenças devem-se ao entendimento dos autores e aos referenciais teóricos adotados. Por exemplo: alguns vão compreendê-lo como um método e, por isso, definem etapas bem estruturadas (Zabala, 1998; 2002), e outros como uma atividade de ensino (Libâneo, 1994; Mendonça; Neiman, 2013), isto é, propostas menos estruturadas e com mais flexibilidade para o professor. No entendimento das autoras deste artigo, todas as propostas são válidas e devem ser escolhidas de acordo com a realidade da escola. De modo geral, elas possuem em comum terem um planejamento prévio, a valorização do contato direto com a realidade, o protagonismo estudantil e o avanço do conhecimento.

Conforme Lopes e Pontuschka (2009, p. 174), o Estudo do Meio

> [...] se concretiza pela imersão orientada na complexidade de um determinado espaço geográfico, do estabelecimento de um diálogo

> inteligente com o mundo, com o intuito de verificar e de produzir novos conhecimentos (Lopes; Pontuschka; 2009, p. 174)

Partir da realidade concreta para ampliar os conhecimentos dos estudantes é uma das premissas do Estudo do Meio. No LAI, as propostas extensionistas foram delineadas a partir dessa metodologia apresentada por Zabala (1998;2002), que possui dez etapas. A sua primeira etapa consiste na motivação (1), na qual se valorizam situações que fazem parte do cotidiano, isto é, da sociedade em que se está inserido. A partir desse contexto, cabe tanto despertar o interesse quanto valorizar as indagações que partem do estudante. Em outras palavras, é reconhecer ou dar sentido ao que vai ser estudado. Em decorrência disso, abre-se espaço para a problematização (2), momento em que se "olha" para o objeto de estudo e lançam-se algumas perguntas. Por exemplo: O que queremos descobrir ou compreender melhor? Que aspectos merecem mais a nossa atenção? O que já sabemos sobre ele? Que dúvidas precisam ser esclarecidas? Há inúmeras perguntas que podem ser feitas tanto pelo professor quanto pelo próprio estudante, podendo ser mais complexas ou menos.

Para muitas das perguntas criadas, os estudantes já possuem algumas ideias a respeito, mas é importante explicitá-las. O momento das respostas intuitivas ou hipóteses (3) é importante para que o professor entre em contato com os conhecimentos prévios dos alunos, identifique ideias que podem estar confusas ou até mesmo equivocadas (Zabala, 1998; 2002). Nesse momento, novas perguntas podem surgir e são muito importantes, pois podem proporcionar aos estudantes maior clareza do que precisa ser investigado e auxiliar nas etapas seguintes: escolha dos instrumentos utilizados na investigação (4) e o planejamento da pesquisa (5).

Nessas etapas, decide-se quais serão as fontes de informação (artigos, livros, jornais, visitas em campo, entrevistas etc.) e se planeja a ação. Dependendo das características do estudante, essas fases podem ser delineadas por ele próprio ou pelo professor. Feito isso, passa-se para a fase da coleta de dados (6), que, na experiência dos projetos do LAI, demoram por volta de 3 a 4 meses de estudo. Essa é uma etapa muito rica do processo, na qual muitas perguntas vão sendo respondidas e outras vão sendo feitas pela própria curiosidade do estudante ou pelo entendimento de que é necessário saber mais sobre o tema pesquisado. Diante disso, há um número grande de informações coletadas que precisam ser selecionadas não apenas para responder às questões iniciais, mas também para poder compartilhar o que foi aprendido com a comunidade externa.

Essa fase, de acordo com Zabala (1998;2002), refere-se à seleção e à classificação dos dados (7), seguida das conclusões (8). É um momento em que as dúvidas foram sanadas, o problema foi respondido e se está apto a fazer generalizações (9). Dito de outro modo, é quando o estudante é capaz de entender ou perceber que situações ou fenômenos que fazem parte do seu cotidiano ou da sociedade em que está inserido também podem ocorrer em outros espaços. Isso favorece uma compreensão mais ampla sobre aquilo que está sendo investigado.

Por fim, chega-se ao momento de compartilhar as informações (10), que podem ser feitas de diferentes maneiras. No contexto do LAI, essa etapa se materializa em oficinas pedagógicas, que são organizadas e ministradas pelos estudantes envolvidos no projeto, que escolhem o público destinado, podendo ser crianças, adolescentes ou adultos. Nessa etapa, é necessário adequar o conteúdo e as atividades ao público, assim como produzir materiais, definir o local, a data e o tempo de duração. Em relação ao local, as oficinas pedagógicas foram realizadas em escolas, no próprio laboratório e em parques municipais.

Como todo o projeto do LAI, delineado com a metodologia de Estudo do Meio, tem como etapa final o planejamento e a realização de uma oficina pedagógica, considera-se importante tecer algumas considerações sobre essa prática. Embora existam diferentes definições do que venha a ser uma oficina pedagógica (Vieira, 2002; Castellano; Coco, 2006; Marcondes, 2008; Betancourt, 2007, entre outros), concorda-se com o posicionamento de Vieira (2002, p. 11).

> [...] trata-se de uma forma de ensinar e aprender, mediante a realização de algo feito coletivamente. Salienta-se que oficina é uma modalidade de ação. Toda oficina necessita promover a investigação, a ação, a reflexão; combinar o trabalho individual e a tarefa socializada; garantir a unidade teoria e prática.

Como características marcantes de uma oficina pedagógica, além da integração de conhecimentos teóricos e práticas, destaca-se também a importância de o professor ser um problematizador, o qual favorece a criação de um contexto em que o estudante é motivado a elaborar suas próprias ideais, buscar diferentes formas de resolver os desafios e construir a sua compreensão envolvendo aspectos conceituais, atitudinais e procedimentais, tornando-o um sujeito muito ativo no processo (Castellano; Coco, 2006). Na perspectiva de Betancourt (2007), um dos diferenciais é que há o estímulo para a construção do conhecimento a partir de situações reais, favorecendo o

pensamento crítico, criativo e interdisciplinar na solução dos problemas ou na busca de respostas para as questões a serem respondidas. Quando se colocar em prática a oficina, há o importante diálogo com a comunidade. Um outro elemento considerado importante e destacado por Vieira (2002) é a dimensão lúdica que envolve, entre outras coisas, o prazer de estar em processo de construção do conhecimento, em outras palavras, a satisfação em aprender. Para a autora, a oficina pedagógica envolve três dimensões: o pensar, o sentir e o agir.

Sob essa perspectiva, as práticas extensionistas desenvolvidas se efetivaram considerando os aspectos mencionados, articulando o diálogo crítico com a realidade, bem como reconhecendo os conhecimentos prévios existentes quanto à construção de novos saberes. A seguir serão apresentados alguns aspectos das vivências extensionistas no LAI, na perspectiva de três estudantes protagonistas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As atividades extensionistas foram organizadas considerando as etapas do Estudo do Meio e o compartilhamento do que foi aprendido por meio de oficinas pedagógicas direcionadas à comunidade interna e externa à universidade. Esse cenário envolve duas perspectivas: de quem conduziu o processo (professor) e de quem o viveu (estudante), que serão compartilhadas a seguir.

Na qualidade de professor mediador/problematizador, foi possível perceber um interesse genuíno dos estudantes sobre o conteúdo, que se revelava nas curiosidades levantadas em cada encontro, nas descobertas, na realização das tarefas (pesquisas, planejamento, produção de materiais didáticos), na frequência dos encontros, no desejo de colocar em prática, isto é, ministrar a oficina. Durante a realização das oficinas, mesmo sendo, para alguns, a primeira experiência, eles revelavam certa segurança na condução das atividades. Em todas as experiências, descritas no Quadro 1, os estudantes apresentavam uma compreensão inicial bastante superficial sobre o tema. Ao longo do processo, houve tanto um aumento considerável do conhecimento, enriquecido por uma abordagem interdisciplinar, quanto uma ampliação de repertório para a criação de práticas pedagógicas criativas e potencialmente lúdicas.

Durante as diferentes experiências, registros foram sendo produzidos no desenvolvimento das ações, os materiais foram elaborados, os planejamentos das

oficinas e reflexões foram sendo realizados. Durante esse processo formativo. alguns aspectos estiveram presentes em todos os projetos, tais como: a) escuta e problematização da realidade; b) articulação entre teoria e prática; c) interdisciplinaridade e ampliação dos espaços educativos; d) protagonismo dos participantes e aprendizagem ativa; e) produção de materiais pedagógicos; f) constituição de saberes docentes e desenvolvimento de habilidades. Tais aspectos também se constituem como categorias que ajudam a analisar as experiências. Isso também permite identificar não apenas o que foi vivenciado nas oficinas, mas também os processos formativos mobilizados pela experiência.

Diante ao exposto, são apresentados três relatos de estudantes participantes, obtidos das seguintes questões norteadoras: a) quais foram as contribuições dos projetos de extensão do LAI para sua formação acadêmica; b) como foi sua participação nas ações e nas oficinas elaboradas; e c) de que forma o estudo do meio contribuiu para sua formação acadêmica. A fim de garantir o anonimato dos estudantes, serão utilizadas as letras A, B e C para identificá-los.

A valorização da articulação entre teoria e prática foi um aspecto considerado nos três relatos, nos quais as estudantes enfatizaram:

> [...] as atividades desenvolvidas no laboratório contribuíram em muito para a minha formação docente, pois elas possibilitaram a aplicação, na prática, de conteúdos estudados durante a graduação. (ESTUDANTE A)
> [...] as contribuições são uma aplicação de conteúdos que podemos usar na nossa formação docente. (ESTUDANTE B)
> [...] pois ampliam o que vemos durante a grade normal de aulas. As temáticas dos projetos aproximam os estudantes da realidade de sala de aula, oportunizando a participação em pequenas intervenções e oficinas. (ESTUDANTE C)

Utilizar a metodologia de Estudo do Meio na formação inicial do pedagogo não é algo comum. No entanto, nos relatos das estudantes foi possível encontrar similaridades, em relação ao seu potencial no âmbito da formação inicial docente, em pesquisas de outras áreas do conhecimento. Por exemplo: na investigação de Cacete, Durães e Moura (2021), evidencia-se que a interação dialógica, a interdisciplinaridade, o método de investigação, a vivência de estar em contato direto com o meio possibilitam a união entre teoria e prática de forma crítica. Para os autores, essa relação é um aspecto importante na formação do futuro professor, e o Estudo do Meio favorece esse encontro. Embora a investigação apresentada tenha ocorrido no curso de graduação

em geografia, o método pode ser aplicado em qualquer área do conhecimento. No relato das estudantes de pedagogia, a articulação teoria e prática ficou evidente, assim como a valorização desse aspecto para a formação docente. Destaca-se que as oficinas pedagógicas também podem contribuir para essa articulação, conforme argumentam os autores Vieira (2002) e Betancourt (2007). A junção do método de Estudo do Meio com planejamento e a realização das oficinas pedagógicas podem potencializar essa experiência na formação inicial docente tanto no que se refere à compreensão do objeto de estudo quanto na construção de alguns saberes necessários ao exercício da docência. Nesse contexto, trabalha-se a tríade pesquisa, extensão e ensino.

Esse aspecto, habilidades necessárias ao exercício da docência, foi evidenciado no relato das participantes. Embora tenham ressaltado elementos distintos em suas respostas, observou-se a valorização do diálogo, a condução clara e segura do tema da oficina, o domínio do conteúdo, a valorização do cotidiano, a ampliação dos conhecimentos, a produção e criação de materiais e atividades, a vivência dos espaços educativos para além da sala de aula e a importância do planejamento.

O ato de planejar e realizar uma oficina pedagógica implica na definição de objetivos, pensar em estratégias ou métodos de ensino, selecionar ou produzir materiais, adequar o conteúdo ao público, promover formas de participação e envolvimento dos alunos e alunas, lidar com situações imprevistas, entre outros. Todas essas vivências são formativas e importantes para a formação inicial docente.

No que se refere ao método de Estudo do Meio na formação inicial docente, as estudantes apontaram:

> O estudo do meio contribui teoricamente para a construção de cada etapa das oficinas, desde o planejamento até a realização das ações, bem como representou um método eficaz para aprendizagem e desenvolvimento das minhas habilidades como futura professora [...]. (ESTUDANTE A)
> Conhecer o estudo do meio me fez perceber que o ensino não deve acontecer somente dentro de uma sala de aula, pois a "aula" pode ser feita em diferentes espaços. Não é preciso ir longe: o pátio da escola, o bairro da instituição e o centro da cidade são espaços ricos em histórias e elementos que podem ser utilizados em diferentes disciplinas. (ESTUDANTE C)

Os depoimentos evidenciaram que a participação nas oficinas possibilitou aos licenciandos aproximar os conhecimentos estudados na graduação das situações concretas de ensino, especialmente por meio do planejamento, elaboração e execução

das atividades. Além disso, eles apresentam elementos recorrentes que permitem organizá-los nas categorias apresentadas no início desta seção. Ressalta-se, ainda, que os diferentes aspectos do processo formativo estão interligados e se manifestam de forma articulada nas experiências vivenciadas ao longo das ações extensionistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste relato de experiência foi analisar e descrever as contribuições do Laboratório do Anos Iniciais (LAI) para a formação inicial docente tendo como fundamento a metodologia de Estudo do Meio. De modo geral, pode-se afirmar que a participação ativa das estudantes nas etapas do Estudo do Meio, na organização e na realização das oficinas favoreceu a ampliação dos conhecimentos, o desenvolvimento de saberes docentes relacionados ao planejamento, à criação de atividades, à própria atuação docente, à articulação entre teoria e prática, à investigação da realidade. Esse processo de criação e aplicação das oficinas pedagógicas possibilitou que as estudantes envolvidas vivenciassem a realidade escolar de modo lúdico e reflexivo, aproximando os conhecimentos teóricos estudados na graduação das situações reais do cotidiano escolar. Nesse cenário, no âmbito da extensão universitária, as oficinas também se destacaram como elementos formativos importantes.

É necessário destacar que esta investigação é um levantamento exploratório sobre a temática, isto é, uma aproximação inicial do objeto de estudo, que parte da análise de uma amostra pequena, composta por três estudantes. No entanto, esses relatos fornecem elementos que permitem reconhecer a percepção das estudantes acerca da experiência vivida, como também identificar possíveis contribuições, potencialidades, limites na prática realizada e levantar questões que orientem investigações futuras.

Palavras-chave: Formação inicial docente; Oficinas pedagógicas; Extensão universitária; Metodologias ativas.

REFERÊNCIAS

BETANCOURT, Arnobio Maya. **El taller educativo**. Que és? Fundamentos, cómo organizarlo y dirigirlo, cómo evaluarlo. 2.ed. Colección Aula Abierta. Bogotá:

Cooperativa Editorial Magisterio, 2007. Disponível em: https://books.google.com.co/books?id=Bo7tWYH4xMMC&printsec=frontcover#v=onepage&q&f=false .Acesso em: 13 out. 2026.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 26 ago. 2026.

BRASIL**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 26 ago. 2026.

BRASIL. **Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018.** Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/pdf/normas-classificadas-por-assunto/extensao-na-educacao-superior-brasileira/rces007_18.pdf. Acesso em: 09 out. 2026.

CACETE, Nuria Hanglei; DURÃES, Fabíola Alice dos Anjos; MOURA, Cleberson Henrique de O estudo do meio como opção metodológica na formação inicial de professores/as de Geografia: relato de experiência nas cidades históricas do Vale do Rio Paraíba do Sul Paulista. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 102, n. 261, 13 ago. 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbeped/a/WFhNsDVk5XDJjcsnZcWJRts/?lang=pt Acesso em: 09 out. 2026.

CASTELLANO, Santiago; COCO, Mauro Lo. Hacia una conceptualización teórica de la modalidad taller. **UniRevista**, v. 1, n. 3, jul. 2006.

FREIRE, Paulo. A dialogicidade - essência da educação como prática da liberdade, *In:* FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 43. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

LOPES, Claudivan Sanches; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Estudo do meio: teoria e prática. **Geografia (Londrina)**, *[S. l.]*, v. 18, n. 2, p. 173–191, 2009. DOI: 10.5433/2447-1747.2009v18n2p173. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/2360. Acesso em: 26 ago. 2026.

MENDONÇA, Rita; NEIMAN, Zysman. A natureza como educadora: transdisciplinaridade e educação ambiental em atividades extraclasse. São Paulo: Editora Aquariana, 2013.

MUSSI, Ricardo Fraklin de Freitas; FLORES, Fabio Fernandes; ALMEIDA, Cláudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60–77, 2021. Disponível em:

http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792021000500060. Acesso em: 27 jul. 2026.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores - saberes da docência e identidade do professor. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 3, n. 3, 2009. DOI: 10.14572/nuances.v3i3.50. Disponível em: https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/50. Acesso em: 26 ago. 2026.

VIEIRA, Elaine. **Oficinas de ensino?** O quê? Por quê? Como? 4.ed. Porto Alegre; EDIPUCRS, 2002.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Tradução Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZABALA, Antoni. **Enfoque globalizador e pensamento complexo: uma proposta para o currículo escolar.** Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.